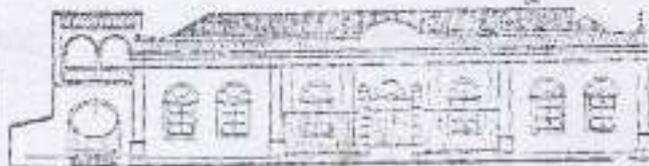


ISILDA PIRES MARTINS
E
JOSÉ LUÍS DE MATOS

MURALHAS DE LOULÉ



REEDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ
1986



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 2869

Cota N.º 33

ISILDA PIRES MARTINS
E
JOSÉ LUÍS DE MATOS

**MURALHAS
DE
LOULÉ**

REEDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ
1986

O estudo **Muralhas de Loulé** foi publicado sob proposta do saudoso Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, em **O Arqueólogo Português**, pp. 227 a 247, série III, Vol. V, Lisboa 1971.

A sua reedição foi proposta pelo Dr. José Mendes Bota, tendo a Câmara Municipal de Loulé, na reunião de 30 de Maio de 1984 deliberado por unanimidade aprovar.

PREFÁCIO

Reedita-se agora este trabalho das muralhas de Loulé. Concebido como um artigo de revista, não tinha aquando da sua publicação, finalidade maior que alertar as autoridades e a população de Loulé para um bem cultural que estava em risco de se perder. Estamos convencidos de que a mensagem foi ouvida, e que neste momento não será possível praticar o tipo de destruições que nós denunciámos no corpo do trabalho. A prova do interesse por estes assuntos está no facto de nos termos visto na necessidade de reeditar, sob os auspícios da Câmara Municipal de Loulé, este trabalho despretencioso.

Num mundo em vias de universalização os bens que pertencem às culturas regionais são cada vez mais prezados. Tudo se passa como se a uma maior universalidade correspondesse dialécticamente um interesse renovado pelos assuntos locais, uma verdadeira descentralização cultural.

Bem andam os autarcas que cuidam proporcionar não apenas o bem estar material às populações, mas que investem no domínio da memória, da imagem que um povo faz de si próprio, da História. É que a dignidade de uma terra não se mede apenas pelo número de candeeiros públicos que possui, mas também pela História que modelou interiormente o seu povo, e na qual este se revê.

As muralhas de Loulé são um património que os louletanos consideram como um bem público da vila. Não é isso o que acontece infelizmente em muitas terras do Algarve, onde o património está a saque.

Que Loulé saiba defender os seus monumentos, como desejam os autores.

Loulé, 20/9/1984

ISILDA PIRES MARTINS
JOSÉ LUÍS DE MATOS

Loulé era já um povoado importante na época árabe. A ele se referem Ibne Saide e Abd Aluhaide chamando-lhe «Aloalia» que em língua árabe significa «o outeiro», topónimo derivado da localização do povoado (1). Junto às suas poderosas muralhas morreram muitos cristãos na reconquista de 1249 (2).

A tradição que pretende ter sido Loulé totalmente arrasada após a reconquista cristã de 1249, não resiste a uma crítica objectiva. Não é possível que somente depois de terem passado 17 anos tivesse D. Afonso III mandado reconstruir a povoação, e com tão grande número de habitantes que nessa altura fosse necessário fazer uma muralha com o perímetro da actual, em volta de um aglomerado urbano que necessitava para comunicar com o exterior de pelo menos seis portas (3). Um documento do mesmo rei, datado de 1266 refere-se à existência de Igrejas em Loulé, certamente para atender uma população cristã já então numerosa (4). Percebe-se a intenção de vincar bem o corte entre o passado e a nova ordem surgida com a reconquista, na base destas tradições, comuns entre nós, de reconstrução total das povoações conquistadas pelos cristãos.

(1) Lopes (David), «Cousas Árabe-Portuguesas - A Geografia de Ibne Saide», «O Arqueólogo Português», Vol. I, Lisboa 1895, p. 278.

- Id., «Os Árabes nas Obras de Alexandre Herculano - Notas marginais de língua e História Portuguesa», Cap. III, Lisboa, 1911, pp. 46 e 80.

- Domingos (José D. Garcia), «o Garb Extremo do Andaluz e 'Bortuqual' nos historiadores e geógrafos árabes». Separata do «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa», 1960 (Julho-Dezembro), p. 343.

(2) Athaide Oliveira (Francisco X. de), «Monografia do Concelho de Loulé», Porto, 1905, p. 80 (cita uma crónica inédita relativa à conquista do Algarve).

(3) Vd. por exemplo, Almeida (João de), «Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses», Vol. III, Lisboa, 1947, p. 465, e, A. Oliveira, op. cit. p. 75.

(4) Livro I da Chanc. de D. Afonso III, Fls. 83 V, Col. 2 - Torre do Tombo.

Em 1422 a muralha é reedificada por D. Henrique de Menezes primeiro conde de Loulé (5), e os reconstrutores teriam visto durante o seu trabalho vestígios de edificações romanas, no entanto a informação é demasiado vaga e imprecisa para merecer alguma confiança.

O terramoto de 1755 destruiu muitos edifícios em Loulé (6) e a muralha não ficou indemne. Mas o papel de bode espiatório relativamente à rarefacção do património cultural que tem sido entre nós atribuído ao terramoto (e às invasões francesas) deve francamente ser posto em causa. Foram a ignorância e a má perspectivação das realidades culturais talvez os principais responsáveis pela perda de muitos monumentos que nos restam do passado; no caso da muralha de Loulé a responsabilidade deve ser atribuída principalmente aos homens.

É nossa intenção dar aqui notícia do estado actual da muralha de Loulé. Além dos muros e torres reconstruídos pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais sobretudo os do núcleo a que vulgarmente se chama «O Castelo», existem ainda vários panos e torres dispersas, e pode reconstituir-se aproximadamente o perímetro total das fortificações olhando com alguma atenção a configuração urbanística de certas zonas da cidade e retendo as informações de pessoas que assistiram modernamente à destruição de alguns sectores das muralhas.

A Igreja Matriz foi o primeiro templo cristão de Loulé, e como quer a tradição fora anteriormente mesquita (7). Ordinariamente a Igreja Matriz de um aglomerado populacional está situada no ponto mais central do mesmo e quando se trata de uma povoação muralhada, quase sempre dentro do próprio castelo. Não podemos por isso fugir à impressão de que a zona da Matriz é a mais antiga de Loulé; de qualquer forma, aqui se encontram os restos mais antigos da actual muralha; fora dos muros mas muito perto da Igreja está o antigo bairro da mouraria que nas cidades medievais ficava junto da cidade tornada cristã (8); um certo número de informações e tradições recolhidas por Ataíde Oliveira e Pedro de Freitas parecem confirmar esta hipótese (9).

Por aqui começaremos o reconhecimento da Muralha de Loulé.

Em frente da Igreja Matriz a muralha segura as terras do antigo cemitério de Loulé, hoje o Jardim dos Amuados, levantado meia dúzia de metros acima da base da muralha. A parte inferior dos muros conserva-se em bom estado mas desapareceu totalmente a parede acima do nível do chão actual do Jardim.

(5) A. Oliveira, *op. cit.*, p. 77.

(6) *Id.*, *Id.*, pp. 61, 62.

(7) *Id.*, *Id.*, p. 74.

(8) Livro I das Doações de Afonso III, fl. 97 V, col. I, e. Liv. de Inquiri, de Afonso III, fl. B V. — Torre do Tombo.

— A. Oliveira, *op. cit.*, p. 79.

(9) Freitas (Pedro de), «Quadros de Loulé Antigo», 1964, p. 101.

Desde aqui até à Rua Engenheiro Duarte Pacheco os muros estão um pouco mais completos, pois existe ainda a sua parte superior com restos do antigo caminho de ronda, mas já não têm ameias e há fendas que ameaçam fazer ruir a parede (n.º 1 do mapa – Foto n.º 1 e capa).

Pouco se consegue ver do primeiro troço dos panos de muralha que seguem paralelos à Rua Engenheiro Duarte Pacheco, (n.º 2 do mapa) pois existem adossadas aos muros construções várias tanto da parte de dentro como fora deles. Desapareceram as ameias e uma boa parte do caminho de ronda.

Assinalámos no mapa com o número 3 um torreão inteiramente feito de taipa (Fotos n.º 2 e 3), destacado da muralha e ligado a esta por uma pequena ponte, metido hoje no meio das construções que o ocultam em grande parte. Este torreão, um tanto deteriorado já na parte de cima e nas superfícies exteriores, é provavelmente, um dos poucos restos da primitiva muralha árabe, mas o seu estudo e classificação só poderá ser convenientemente feito quando a muralha for desafogada e se retirar a casa de habitação construída, ainda não há muitos anos, debaixo do arco da ponte de passagem entre o torreão e os muros.

A muralha é ainda visível numa larga extensão de terreno entre o torreão e o largo Prof. Cabrita da Silva nas trazeiras das casas encostadas aos velhos muros. Sobre eles corre ainda uma estreita passagem, que tem na sua origem o caminho de ronda, cortado aqui e além pelas divisórias das propriedades particulares (n.º 4 do mapa – Foto n.º 4).

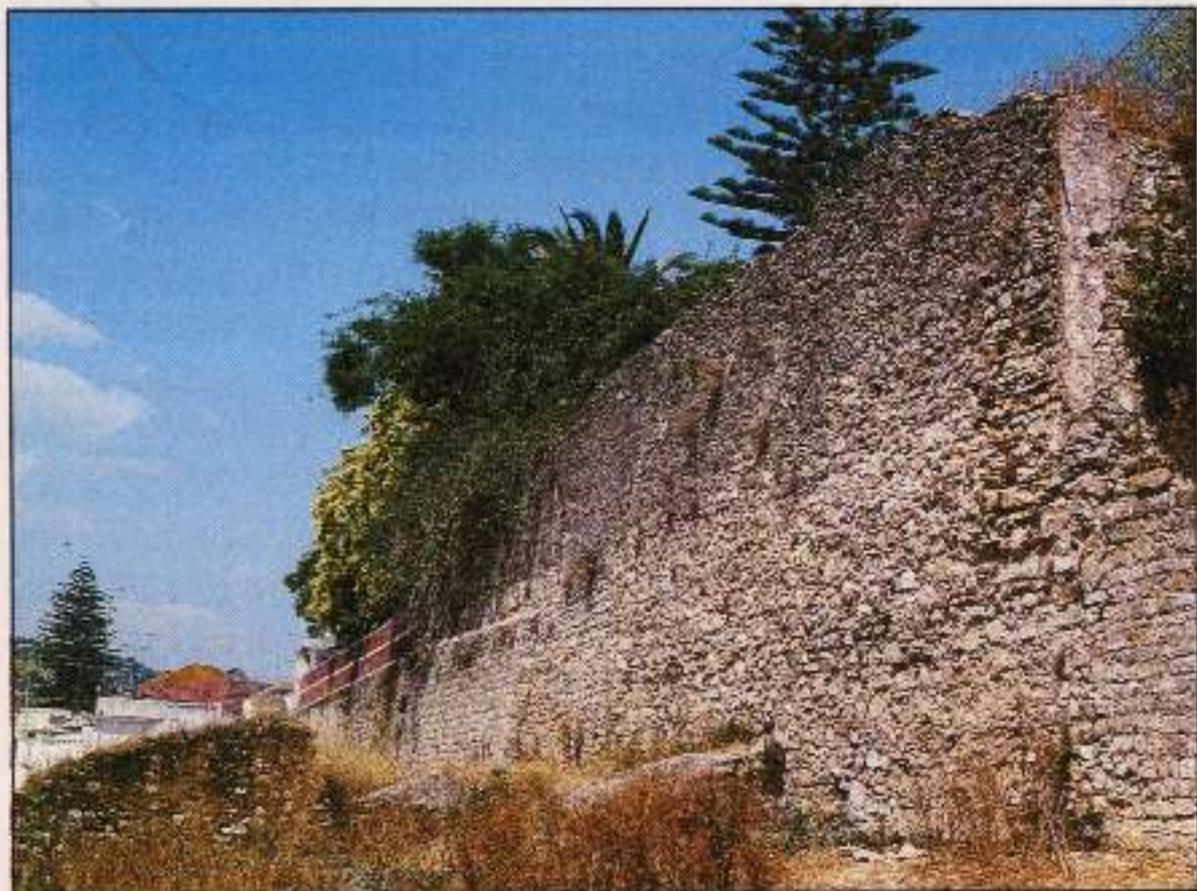


FOTO 1



FOTO 2



FOTO 3

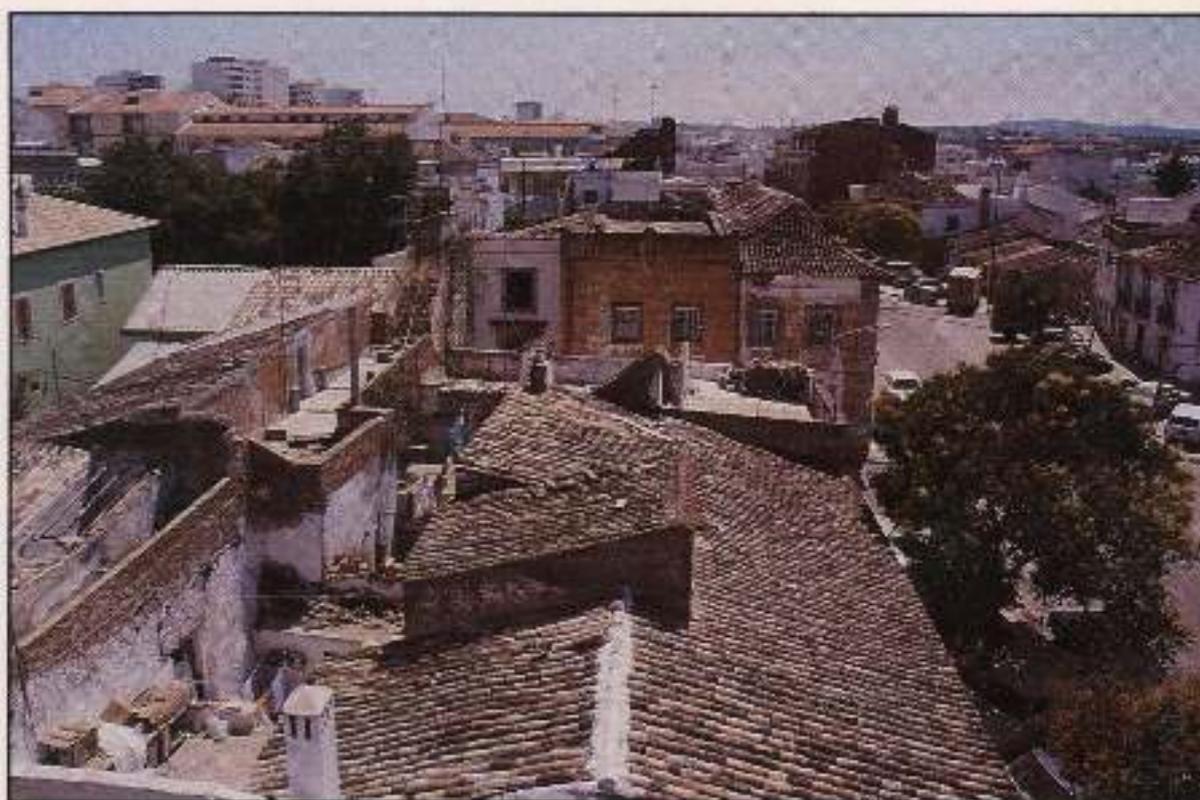


FOTO 4

Obtivemos informações de que uma casa da Travessa de N.^a S.^a do Pilar que aparece a meio da Fotografia n.º 4 (uma moradia com duas janelas e uma açoteia), ocuparia a antiga torre que guarnecia a antiga porta de entrada. Efectivamente pudemos verificar que o tipo de construção das paredes (feitas de alvenaria com blocos de pedra aparelhados) é idêntico ao que se emprega comumente na construção das muralhas. Por outro lado a porta actual que dá acesso ao largo Prof. Cabrita da Silva foi aberta na muralha em época recente, como se pode deduzir de alguns pormenores da construção do arco e da rua que lhe passa por baixo: falta o paramento no intradorso do arco e vê-se o enchimento do interior da muralha feito de argamassa e pedra não aparelhada, a orientação da rua é sesgada devido à necessidade de aproveitamento integral do espaço reduzido que fica entre a capela de N.^a S.^a do Pilar extra muros e as construções do interior da muralha. Aliás a porta antiga apareceu há dois anos a uma distância de poucos metros da primeira, quando a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais fez em Loulé trabalhos de restauro de certos troços da muralha, (vd. Foto n.º 5).

A porta antiga está tapada mas dava acesso ao espaço que medeia entre a muralha e a casa que identificámos mais acima como possível torre avançada, espaço hoje preenchido com a capela de N.^a S.^a do Pilar. Um exame atento da localização da pequena escada do campanário da capela (Vd. Foto 5), da sua ligação com o antigo caminho da ronda e com as estruturas superiores da capela (onde existe uma abóbada de berço que a cobre por inteiro e liga a muralha com a possível torre avançada), talvez possam vir a revelar que aqui (como provavelmente na ermida de N.^a S.^a da Conceição e talvez na antiga ermida de N.^a S.^a do Carmo), a

capela foi feita em boa parte com estruturas pré-existentes de uma porta de entrada defendida inicialmente por torre poderosa localizada em frente da mesma.

Do Largo Prof. Cabrita da Silva até à torre que se vê antes da Rua Primeiro de Dezembro, (assinalada com o número 6 no mapa, Fotos n.ºs 4, 6 e 7) desapareceu um bom pedaço da muralha, mas há ainda muros em ruínas próximo dessa estrutura defensiva, sem ameias, mas com fragmentos do caminho da ronda. A torre necessita de reconstrução imediata, pois as fendas nos muros são numerosas e a parte superior está muito destruída.

Daqui à Rua Primeiro de Dezembro a muralha é perfeitamente visível (Foto 6), destruída na zona superior como acontece em muitos outros pontos. Pode observar-se na fotografia que a rua foi aberta através dos muros.

Só voltámos a encontrar um troço de muralha, entre um quintal que tem a frente para a Rua Primeiro de Dezembro e as trazeiras de algumas construções voltadas para a Avenida Marçal Pacheco (n.º 7 do mapa—Foto n.º 8), mas é natural que restem ainda pedaços dela por detrás das casas que deitam para a Rua Eng. Duarte Pacheco até à esquina da Avenida Marçal Pacheco, e as trazeiras das que estão voltadas para essa última Avenida a partir da mesma esquina até ao troço referido. A muralha fazia aqui um ângulo de aproximadamente 90 graus o que parece aliás confirmado pela orientação das construções urbanas no local.



FOTO 5

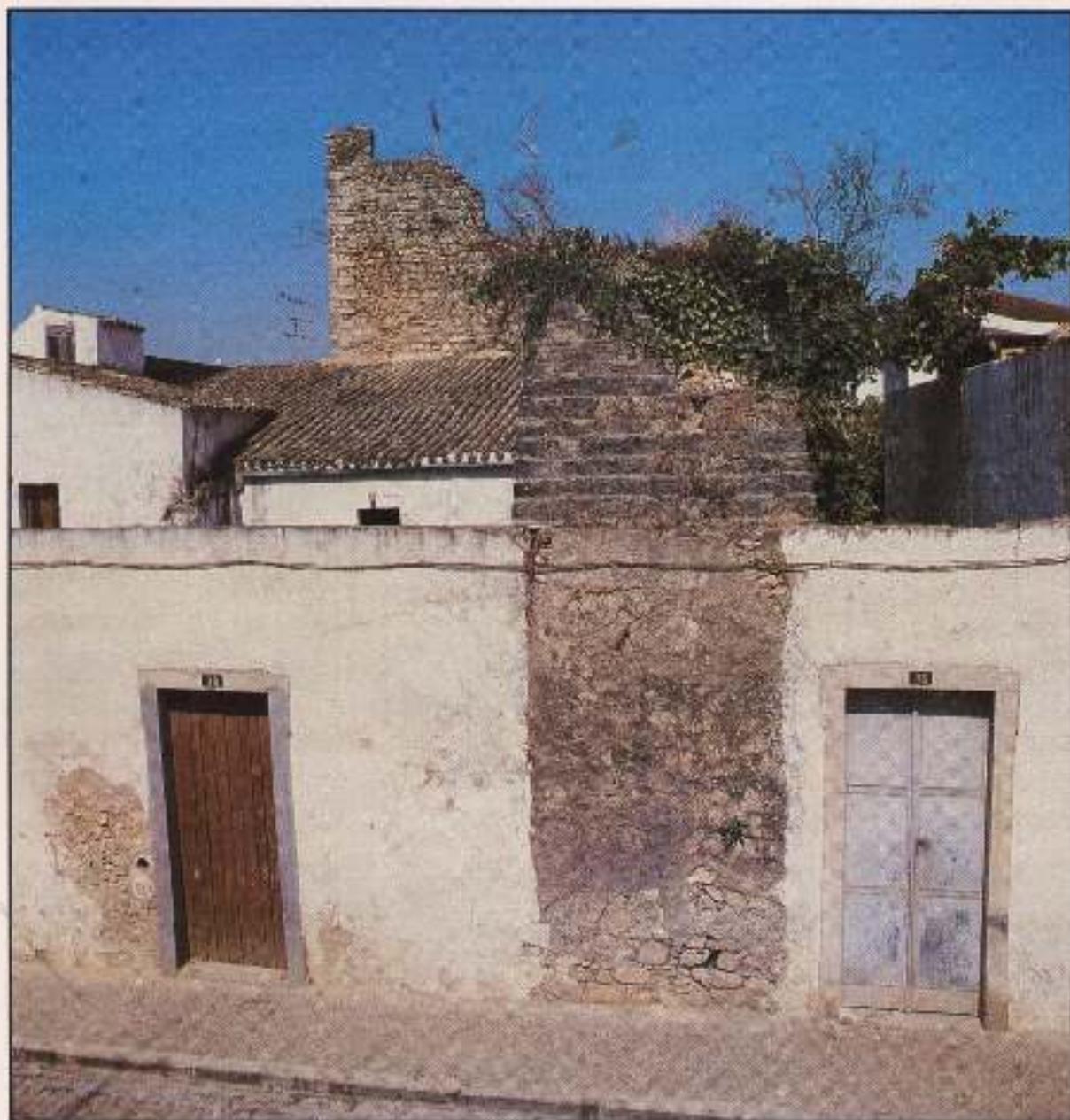


FOTO 6

Encontrámos no quintal mencionado mais acima, um talude de terras arrimado que apresentava uma sucessão estratigráfica muito curiosa, e junto à base do mesmo vimos, durante uma rápida visita ao local, alguns fragmentos de cerâmica de tipo árabe. Neste quintal foram descobertos não há ainda muitos anos, mas em data que nos não souberam precisar, algumas talhas grandes de cerâmica, ao que parece, e segundo as descrições de testemunhas oculares, com um espólio característico da época árabe. Uma das talhas encontra-se na Câmara Municipal de Loulé.

Um pouco mais à frente ainda perto deste quintal foi edificada em 1970 uma casa de habitação (n.º 68 da Avenida Marçal Pacheco) no local onde existia uma torre que Ataíde Oliveira identifica como Torre do Relógio⁽¹⁰⁾.

⁽¹⁰⁾ Vd. A. Oliveira, op. cit., p. 73.
— Freitas (P.), op. cit., p. 98.

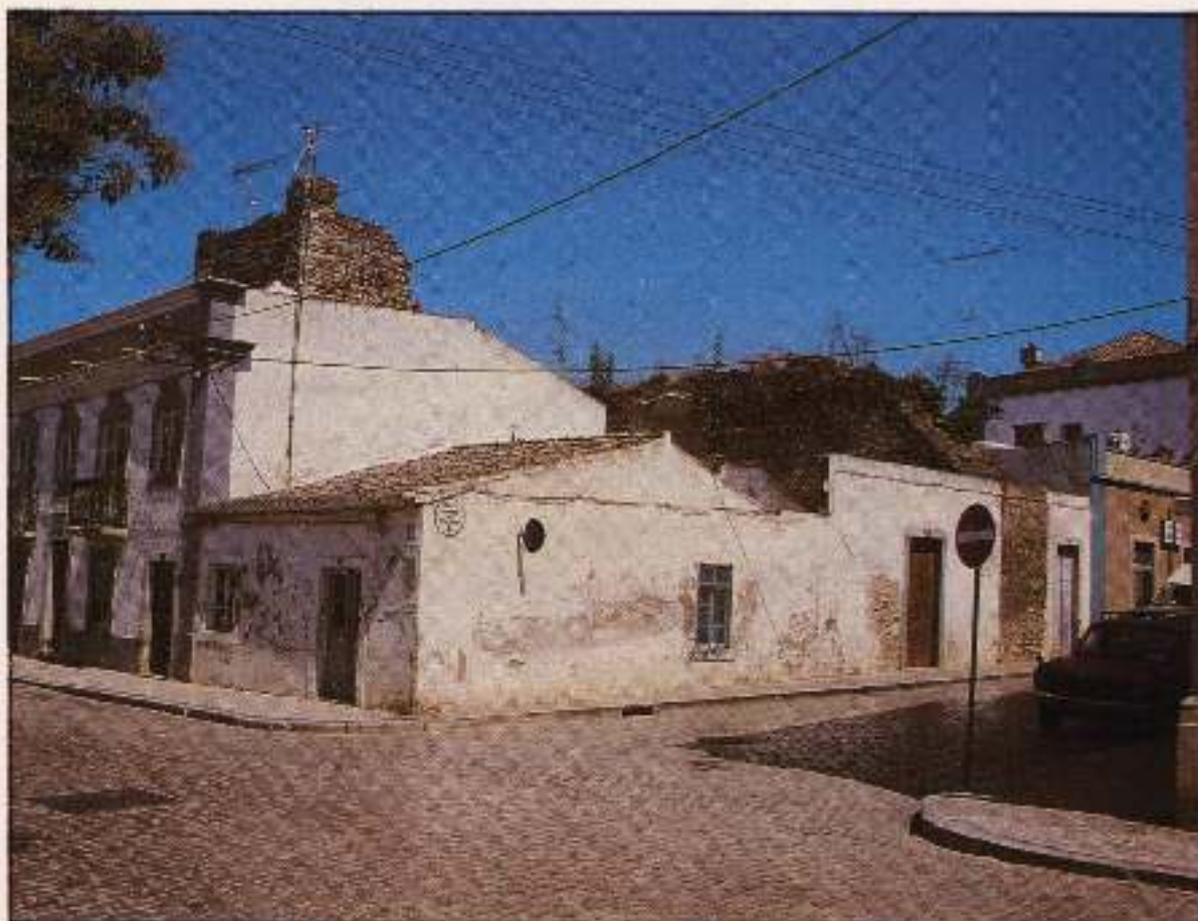


FOTO 7

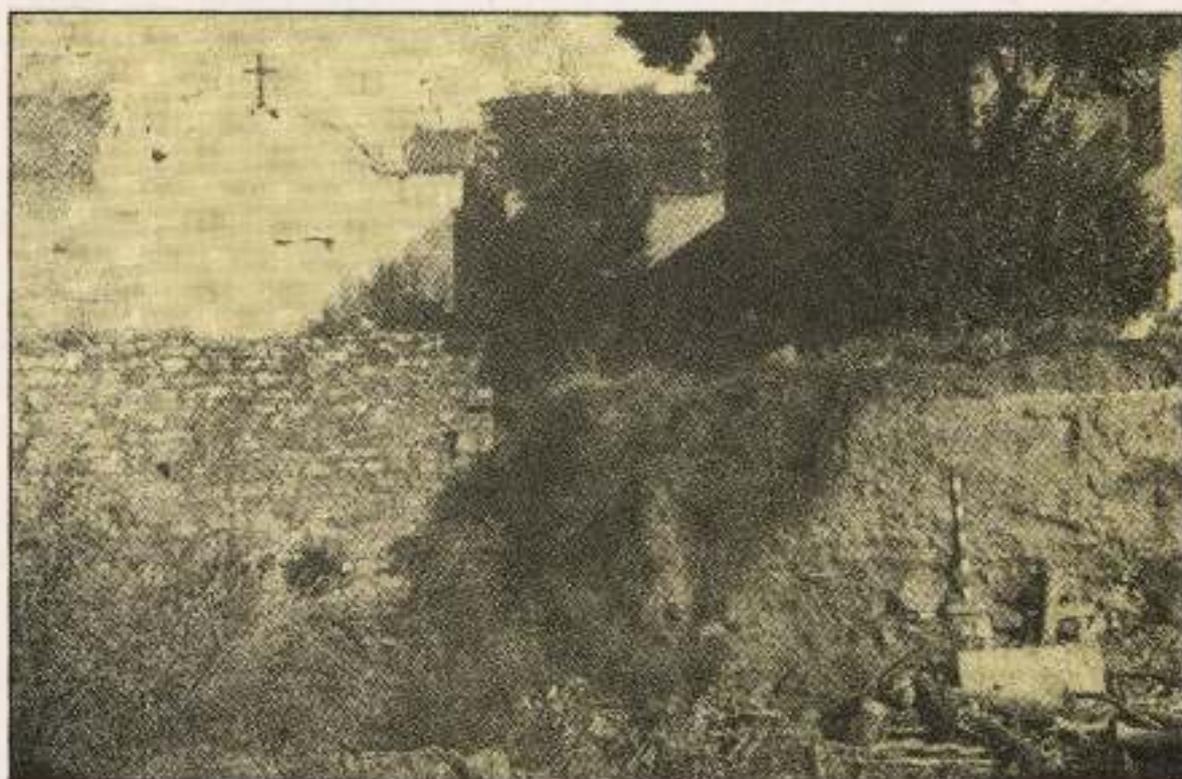


FOTO 8

Pessoas idóneas comunicaram-nos que essa torre foi deitada abaixo quando se fez a casa em 1970, e vimos a um lado e outro desta construção a muralha rota por destruição recente, tendo-nos o proprietário dito que a construção fora difícil pois tinha sido necessário romper uns muros fortes que aí existiam. Da sua fortaleza e espessura se pode aquilatar pelo que resta dos mesmos dentro dos quintais por detrás do prédio n.º 16 da Avenida Marçal Pacheco (Foto 9).

Daqui até ao Largo do Carmo não descobrimos restos evidentes dos muros, mas a muralha passava aproximadamente a meio do quarteirão no seguimento dos últimos troços observados. Aqui e além nas trazeiras das casas há paredes muito grossas, alguns prédios muito antigos da Rua do Mercado estão alinhados de maneira diversa da orientação urbanística actual (n.º 9 do mapa), supomos que acompanhando a linha da muralha desaparecida.

No Largo do Carmo havia uma Porta da Vila, que juntamente com a Ermida de N.ª S.ª do Carmo e uma boa parte da muralha foi arrasada em 1873. Nova destruição da muralha ocorreu em 1907 quando se construiu o actual mercado e se fez a urbanização moderna da zona (11).

Da porta existente aproximadamente a meio do Largo do Carmo em frente do mercado (n.º 10 do mapa), a muralha inflectira em direcção ao actual edifício da Câmara. Destruídos os muros e desaterrado o local até à profundidade de dois metros, para fazer os alicerces do edifício do mercado, apareceram silos cheios de material arqueológico da época árabe (12), (n.º 11 do mapa).

Antes de chegar onde hoje é a Câmara Municipal abria-se na muralha a pequena porta da Rua do Postigo, actual Rua Nove de Abril. Esta designação indica provavelmente o local do Postigo ou Porta da Traição que existia em todas as povoações fortificadas (n.º 12 do mapa) (13). Nada resta já desta porta de Loulé.

A muralha localizava-se aproximadamente a meio do actual edifício da Câmara Municipal, uma casa solarenga adquirida pela Câmara em meados do séc. XIX (14), e os velhos muros foram destruídos ou talvez em parte integrados na construção do solar. Na verdade eles voltam a aparecer nas traseiras da Torre do Relógio (n.º 13 do mapa) e no fundo do claustro do antigo Convento do Espírito Santo (n.º 14 do mapa). Junto da Câmara, no local onde foi construída uma escola primária em 1866 e no espaço

(11) A. Oliveira, op. cit., p. 103.

— Freitas (P.), op. cit., pp. 162 e 360.

(12) Bernardo de Sá, «Escavações em Loulé». «O Arqueólogo Português», Vol. XI, Lisboa, 1906, p. 199.

— Carvalhaes (José), «Acquisições do Museu Ethnologic». Vol. XV, 1910, pp. 108 a 125.

(13) A. Oliveira, op. cit., p. 79.

(14) Id., Id., p. 40. O edifício foi construído em 1842 e comprado pela Câmara posteriormente.



FOTO 9

que medeia entre o claustro e a Capela de N.^a S.^a da Conceição a muralha está mascarada pelas construções.

A actual Torre do Relógio da Câmara não é totalmente moderna, como quer Ataíde Oliveira ⁽¹⁵⁾; há nelas duas épocas de construção, visíveis nas diferenças do aparelho construtivo, pois a parte inferior é feita de uma alvenaria semelhante à dos panos da muralha e somente a porção superior é de construção recente. A torre levantada junto à muralha pertencia ao sistema defensivo da mesma (n.^o 13 do mapa).

A Capela de N.^a S.^a da Conceição (n.^o 15 do mapa) ficava junto de uma das portas da Vila e do lado de fora da muralha ⁽¹⁶⁾. A espessura da parede lateral do lado da muralha parece-nos demasiada, (aproximadamente um metro) para a sua função arquitectónica, presumindo nós que se trata na realidade da própria muralha que serve de parede. Aliás a capela terá

⁽¹⁵⁾ Id., Id., p. 74.

⁽¹⁶⁾ Id., Id., pp. 103-104.

sido construída, é uma hipótese a confirmar, no local de uma antiga torre de protecção da porta. Nem esta nem as outras duas capelas localizadas às portas da vila (a de N.ª S.ª do Carmo e a de N.ª S.ª do Pilar) existiam antes de 1565 segundo os documentos mencionados por Ataíde Oliveira (16), mas já existiriam as pequenas edículas ou oratórios que foi costume erguer junto das entradas das povoações fortificadas na Idade Média, tendo-se aqui adaptado a verdadeiras capelas as estruturas defensivas das mesmas, desactivadas já do seu uso primitivo depois da data indicada.

Sobre a muralha em frente da Capela de N.ª S.ª da Conceição existiu um moinho de vento até aos princípios deste século (17), assente talvez numa torre de protecção da entrada. A notícia acerca do moinho é omissa relativamente ao pormenor da existência da torre, mas necessitando as velas do moinho de ficar mais altas que a muralha e na improbabilidade do moinho assentar unicamente em cima dos muros, por estes oferecerem uma base diminuta de sustentação, ou o moinho se erguia sobre um edifício (que necessitava de ter dois pisos em altura para vencer a muralha) feito de propósito para aguentar o peso do moinho e o balanço das velas, ou, o que nos parece mais provável, foi utilizada uma das antigas possantes torres de fortificação.

Como quer que seja, a torre e a muralha, desapareceram já (18), e só voltamos a identificar seguramente os muros velhos uma dezena de metros mais à frente, já dentro do chamado pátio das «Casas do Castelo» (n.º 16 do mapa).

Em volta deste pátio existem alguns edifícios encostados à face interior das muralhas cujos pisos inferiores são abobadados, além de um poço que abastecia de água a povoação, principalmente antes desta ter sido canalizada para o local das Bicas Velhas (19). Serviram estes edifícios de quartel a um regimento de dragões no século XVIII (20), e estão localizados junto da porção melhor conservada das fortificações, panos de muralha e torres, reconstruídas ultimamente pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Descreveremos muito brevemente esta parte das muralhas.

O n.º 17 do mapa indica a localização de uma torre albarrã de Loulé construída em alvenaria (foto 10, pormenor), mas já referenciámos outra do mesmo tipo feita de taipa junto da Igreja Matriz (fotos n.ºs 2 e 3).

A muralha liga as três torres, reconstruídas, através de um caminho de ronda. A segunda (n.º 18 do mapa), está adossada à face exterior da muralha, e a terceira (n.º 19 do mapa—Foto n.º 11), uma grande torre rectangular construída sobre a muralha, avançando a sua enorme massa tanto para o lado de dentro como para fora dos muros. Actualmente o acesso a cada uma das torres faz-se através de uma escada que parte do caminho de ronda e conduz a uma sala ampla no interior de cada uma delas.

(17) Id., Id., p. 77.

(18) Martins (Isilda Maria Pires), «Castelo de Loulé», Revista Castrum, 1984, p. 25, revela a descoberta da muralha e do torreão que se julgava desaparecido.

(19) A. Oliveira, op. cit., p. 70.

(20) Id., Id., p. 77.

Haveria certamente que debater alguns problemas relativos às reconstruções que as muralhas sofreram neste ponto. No entanto elas estão de pé, e dificilmente poderão ser agora objecto de vandalismo da parte de proprietários cúpidos ou ignorantes; mais importante que isso nos parece a tarefa de chamar a atenção para um certo número de valores que, por serem menos notórios, podem facilmente vir a ser destruídos em prazo curto.

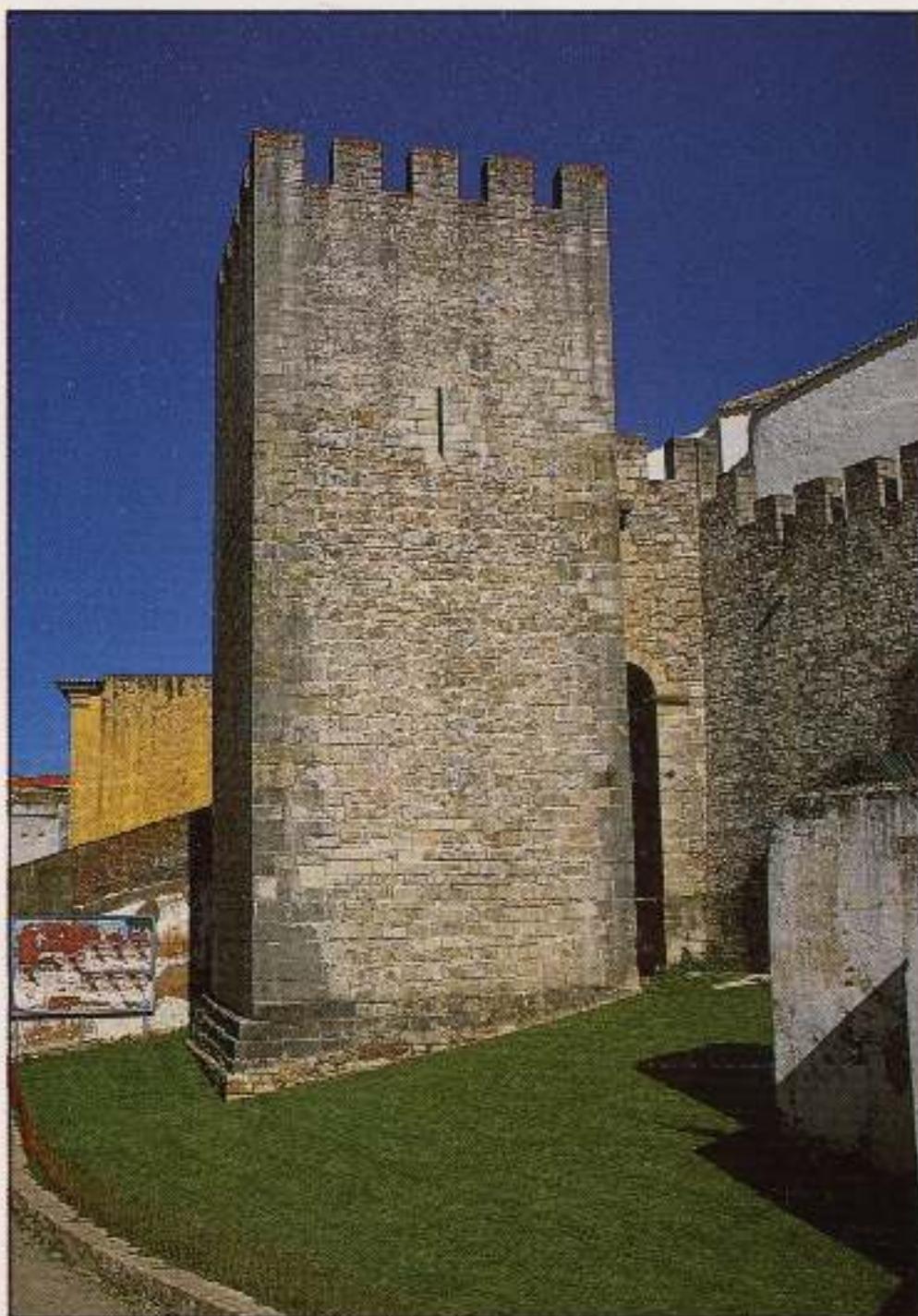


FOTO 10

Entre a última das torres mencionadas e a Rua das Bicas Velhas a muralha serve de parede a um edifício voltado para essa rua (n.º 20 do mapa). Esse edifício é uma habitação de dois pisos, cujo 1.º andar foi reconstruído há poucas dezenas de anos, mas cujo rés-do-chão é certamente mais antigo como se deduz do que segue.



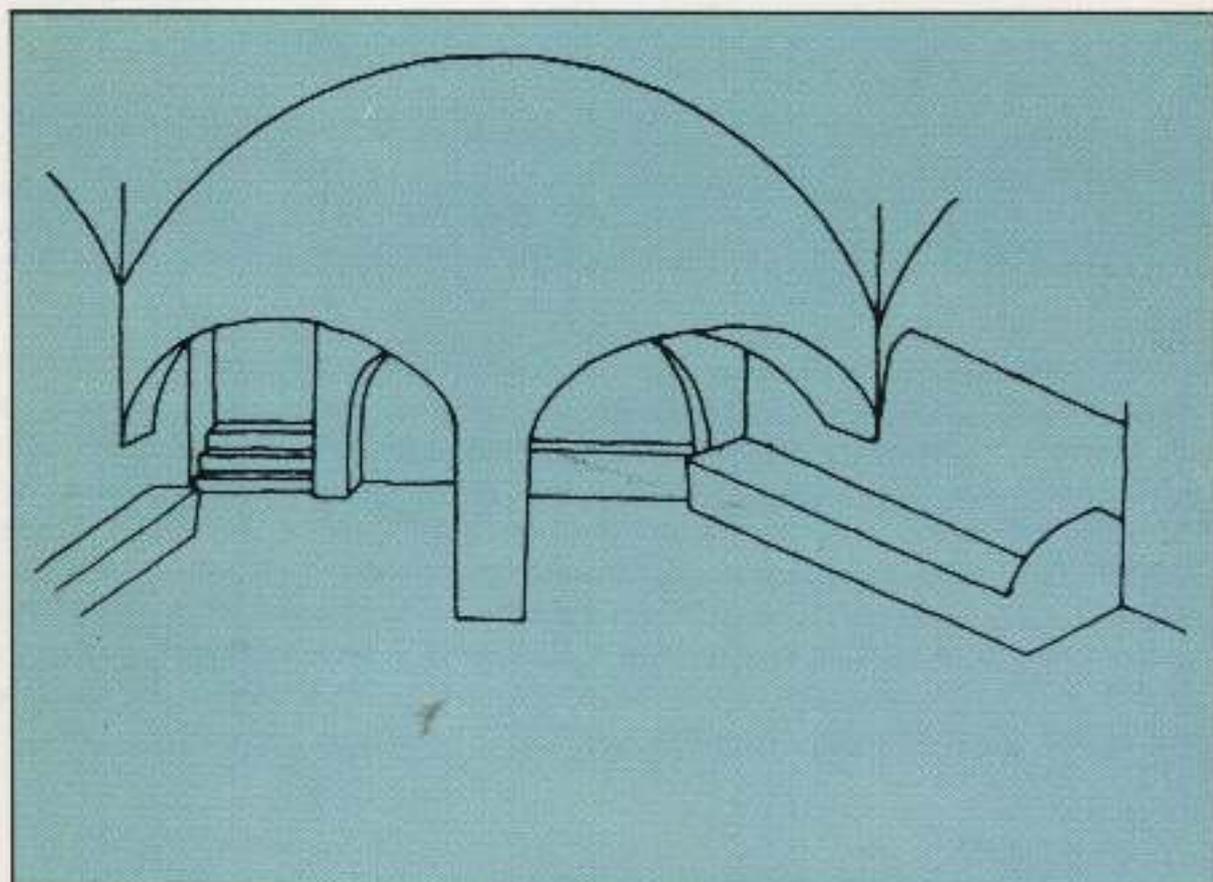
FOTO 11

A torre indicada no parágrafo último tem, na parte inferior da parede voltada para a Rua das Bicas Velhas e dentro das muralhas, um arco tapado indício de uma antiga porta localizada em frente de um recinto comunicante com o rés-do-chão da casa referida (fundo da Foto n.º 12).

No piso térreo da casa vêem-se (Foto n.º 12—Desenho n.º 1), fortes arcos necessários para suportar o peso de construções vultosas e subindo para o andar superior uma escada que actualmente não tem serventia. Neste andar térreo um outro arco entaipado o local de uma antiga porta voltada para as chamadas «Casas do Castelo», e na sua frente há uma calçada que fica no enfiamento da actual Rua Garcia de Horta.



FOTO 12



DESENHO 1

RÉSUMÉ

Après une courte introduction historique sur la ville de Loulé (Algarve, Portugal), les A.A. donnent une description, détaillée, sur l'état actuel de ses murailles du Moyen Âge. L'étude est accompagnée par des photos, des dessins et des plans.

Les A.A. terminent en demandant la protection de ce qui existe encore, d'ailleurs très intéressant, mais dont une grande partie en mauvais état de conservation. (F.A.).

REEDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ
Autores: Dr.^a ISILDA PIRES MARTINS e JOSÉ LUÍS DE MATOS
Fotos: HÉLIO RAMOS
Desenhos: Maria Manuel Baguinho
Impressão: SERIGRA – Ferragudo